



S. BRAGA - C - 120³

O AMIGO

DO

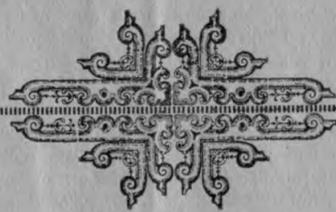
OPERARIO CATHOLICO

Sem lucta não ha bom exito.

ROBERT PEEL.

«Hoje não pôde haver senão dois campos, claramente definidos: o campo dos Catholicos, resolidos a permanecer sempre unidos, custe o que custar, com os Bispos e com o Papa, e o campo inimigo que os combate. Aquelles que, por cobardia, recelam mostrar-se, e estimam permanecer entre os dois campos, vão engrossar, por isso mesmo, segundo a palavra divina, as fileiras dos inimigos.»

(LEÃO XIII—DISC. Á PEREGRIN. DA JUVENT. CATH. DE ITALIA)

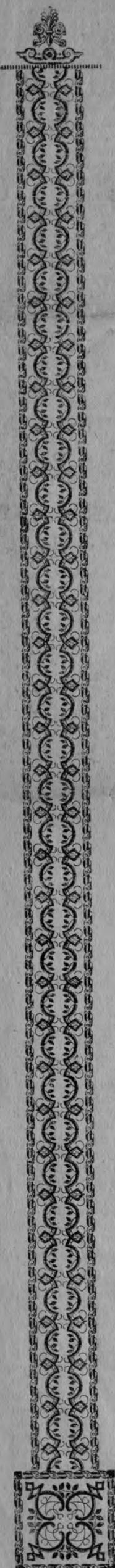


BRAGA

IMPRESA HENRIQUINA

57, Campo de Sant'Anna, 59

1895



DUAS PALAVRAS

NÃO podemos trahir as nossas crenças, precisamos defender a nossa fé.

A lição é justa e urgente, quando opportuna e merecida.

O erro desculpa-se, quando nascido ou embaldado nos braços da ignorancia ou da loucura.

Porém, quando ousado, pertinaz e nocivo, accommette as nossas crenças, tenta abalar os nossos sentimentos, então, é dever nosso sair-lhe ao encontro, sustar-lhe os passos, baixar-lhe a cerviz, azorragando-o com o açoite da logica, á luz fulgurante da verdade.

Não cumprir este dever é dormir o condemnavel somno da apathia.

O *Amigo do Operario Catholico*, perante os desvarios de certos espiritos fortes, que se dizem republicanos, perante as arremetidas de meia duzia de imberbes, que desejavam malsinar as intenções, e offender as puras crenças de honrados operarios e dignos artistas não pôde ficar silencioso, defendendo o operario, a quem ama, e profligando o erro, a quem odeia.

E, não obstante este numero ser unico, as penas, que o traçaram, ficam de atalaia e estão prontas a dar outra lição, um correctivo severo a qualquer patife que, abusando da imprensa, tenha a ousadia de propagar doutrinas subversivas.

Por hoje, seja dada esta lição sómente aos que malsinaram as intenções dos operarios e artistas de Braga, ao promoverem uma Peregrinação á Virgem do Sameiro.

Vem tarde um pouco, bem sabemos, mas era preciso que os culpados desabafassem por completo. Fizeram-no, vamos a contas.

O ORGULHO

De tudo é capaz o orgulho: avilta caracteres dignos, deshonra reputações illibadas, adultera factos, inventa calumnias, guerreia a virtude, e acalenta o vicio.

Essa guerra vergonhosa e impia, filha da descrença ou da loucura, que o orgão republicano d'esta cidade moveu contra os promotores da *Peregrinação Operaria* ao Sameiro, é uma prova exuberante de quanto é capaz o orgulho, e de qual o estado de abjecção, a que elle pôde arrastar as consciencias.

Defendam o seu ideal, muito embora, mas com honra e hombridade justa e sincera, respeitando as crenças, e não desvirtuando as intenções.

Ja que apregõem liberdade, concedam-na a quem tem direito a ella, não ousando jamais coarctal-a á esphera das suas ideas: que não seja de funil, *srs. redactores da Patria*.

A *Peregrinação Operaria*, mui bem representada, lá foi, monte em cima, aos pés da Virgem, depôr as suas homenagens de amor filial. Foram todos os operarios de Braga? Não. E os, que foram, seriam violentados, iriam alli constrangidamente? Não, também.

Houve, pois, toda a liberdade, e esta liberdade deviam concedel-a os *srs. republicanos*, ao menos, em nome da sua tão decantada liberdade.

Insurgindo-se contra esta manifestação religiosa, os republicanos não fizeram mais do que malsinar as intenções dos promotores, querer abafar, na alma dos Operarios Catholicos, um sentimento de affecto, um affecto de amor, um amor justo e santo, consagrado á Virgem Immaculada, á mais terna e carinhosa das mães.

Como corollario, podemos afirmar —ser pouca ou nenhuma a sua honradez de caracter, ridiculos e condemnaveis os seus sentimentos, como jornalistas.

E querem ser jornalistas, alguns d'elles que precisariam ainda de estudar as regras mais simples da logica! que empregariam melhor o tempo em aproveitar os conselhos e dinheiro dos paes, que os têm em Braga para estudar, e não para espanar janellas ou quebrar esquinas!

E' para dizer com Pinto de Sousa:

Qualquer trolha ou sapateiro,
Sujo, porco, remendão
E' hoje periodiquero,
Na politica um pimpão!
E' litterato de papo!
E' censor que o seu sopapo
Dá ao mais bem reputado
Sem tom, sem jeito e sem graça!
Meu Deus! meu Deus! que desgraça:
... O mundo está desgraçado!

GRITO DE GUERRA!!

Cousa estupenda e nunca vista!
Haver em Braga, na Roma portugueza, quem levante a sua voz e faça ouvir um grito de guerra contra a *Peregrinação ao Sameiro*!!... Quem se lembraria, ha um an-

no, de que a impiedade não tinha quebrado as armas, perante aquella solemníssima e inolvidavel manifestação religiosa, para surgir outra vez dos antros tenebrosos da *chaffarrica*, e pretender sustar o passo a milhares de crentes que, com sincero entusiasmo, se preparavam para ir aos pés da Virgem, depôr o preito de sua homenagem, e manifestar-lhe o seu puro e entranhado affecto!! Quem sonharia na altivez e audacia dos pegareiros do pequeno, mas maldado e impio, rebanho de descrentes que se servem da imprensa, para malsinarem as intenções dos promotores da *Peregrinação dos artistas* que, com zelo apostolico, os encaminhavam na senda da virtude e da verdade, e lhes proporcionavam o feliz ensejo d'ostentarem o seu acrysolado amor á Virgem-Mãe!!...

E' que a corrupção dos costumes, e o desrespeito á autoridade arrastam as consciencias ao mais profundo abysmo da iniquidade.

E' que a falta de sentimentos religiosos produz a desorientação da vontade; e o homem de coração perdido deseja, com vehemencia, que todos o sigam no caminho da descrença, do infortunio e da miseria. E depois, como consequencia fatal, vem a cegueira da intelligencia e o desnorreamento da vontade, chamando-se vicio ao que é virtude, substituindo pelo erro a verdade.

Não amam a verdade, porque fecham os olhos ao seu brilhantismo; não praticam a virtude, porque não a conhecem nos seus salutareos effectos.

E ei-los ahí, de penna na mão, os olhos chamejantes de raiva, e os cabellos eriçados de furor diabolico, a gritar contra as manifestações religiosas que lhes fazem perder terreno e põem obstaculos á sua propaganda revolucionaria, nefasta e impia.

E, com esta attitude bellica, julgam amedrontar os pobres artistas, e dissuadi-los de pôr em pratica as suas justas aspirações—fazer uma *Peregrinação á Virgem do Sameiro*!

Porém a fé está tão radicada n'aquelles corações, que estes não soffrem o mais pequeno abalo, ao impulso da jacobinagem *reles, republiceira e impia*. Ao contrario, o entusiasmo duplicou, e o grito de guerra converteu-se em optimo reclamo que atrahiu ao movimento um avultado numero de crentes, que espontaneamente se associaram á *Peregrinação*, que foi um desmentido formal e um protesto solemne ás traidoras insinuações da imprensa republicana e impia.

E' assim, catholicos, é assim como se responde á impiedade, que não quer peregrinações, porque estas põem em evidencia a nossa força e união, contra as quaes nada pôdem os seus protestos irasciveis.

Ao grito de guerra desleal e feroz respondamos sempre com duplo entusiasmo, com fervor mais intenso, com numero mais avultado, com fé mais viva, com um amor mais ardente á mais pura das virgens; e o inimigo cruel cabirá sempre, como d'esta vez, prostrado pelo desanimo, enfraquecido pelo desespero, e raivoso pela convicção de que na catholica Braga, poucos são os que o acompanham na sua propaganda republicana, ou antes, nefasta e impia.

O espirito revolucionario em Braga

E a peregrinação ao Sameiro

Os artistas e operarios da cidade de Braga, illuminados pela fé e crença religiosa, quizeram dar mais um publico testemunho da sua dedicação e amor filial á Santissima Virgem, indo no dia 26 do corrente maio em peregrinação ao monumento levantado no monte Sameiro á definição dogmatica da sua Immaculada Conceição.

Isto foi sufficiente para que um pequeno jornal de Braga, que é o orgão do insignificante partido revolucionario, viesse com umas impertinencias estultas e imprudentes, a respeito da peregrinação; o que accusa, salvo o devido respeito, pelo menos falta de tino e de senso commum na pessoa que as escreveu e as fez publicar. Estas picuinhas pouco decentes, que iam offender a crença religiosa dos artistas bracarenses e ao mesmo tempo que a liberdade de consciencia, provocaram uma scena de pugilato, pouco edificante, entre alguns artistas e o conhecido agente dos revolucionarios externos, em Braga, e que já soffreu julgamento em conselho de guerra por occasião da rebelião republicana do Porto em janeiro de 1894, por ter ouvido tres missas no mesmo dia.

Não contentes os treslencados revolucionarios com as tolices que já tinham manifestado, quizeram ainda mostrar que eram costumazes no erro, e que o seu cerebro era refractario á boa razão, e o seu coração inacessivel a qualquer sentimento digno e levantado: na vespera do dia destinado para a peregrinação fizeram distribuir, a horas mortas da noite, um papelucho indecente, a que deram o titulo de protesto contra a peregrinação, o qual constitue um cumulo da ignorancia e da toleima mais desenfreada da pessoa que concebeu esse acerbo e indigesto escripto.

Este feito rendeu aos seus distribuidores o irem passar algumas horas no calabouço da policia e serem-lhe apprehendidos os exemplares, que lhes foram encontrados. Esse papelucho está abaixo de toda a critica e não merece por isso ser discutido; entre as asneiras que alli se salientam, diz, por exemplo: queremos a religião de Clemente XIV que extinguiu os jesuitas de todo o orbe catholico; terminando por dizer: abaixo os jesuitas, etc.

Como se os jesuitas tivessem alguma cousa que vér com a peregrinação dos artistas ao Monte Sameiro!

Estas manifestações repetidas dos nossos revolucionarios, que se dizem propugnadores da *ideia nova*, quan-

do a verdade é que elles não tem ideias, nem novas nem velhas e andam por este mundo por verem andar os outros! Iamos dizendo, estas manifestações d'odio aos jesuitas justificam-se; porque a verdade e o erro, a virtude e o vicio, a luz e as trevas e a bondade e a maldade, são por sua propria natureza antagonicas e oppostas.

Os jesuitas são o baluarte mais inexpugnavel da verdade, da justiça, da ordem e da harmonia social; por isso é muito natural que os revolucionarios inimigos da paz e da ordem publica, assemem toda a sua artilheria grossa contra esta vivaz e sympathica instituição.

Acontece, porém, que a força da resistencia é tanto maior, quanto mais violenta for a aggressão dos assaltantes. Os humildes jesuitas importam-se tanto com essas impotentes manifestações d'odio jacobino como com aquillo que ha d'acontecer no anno de tres mil!!!

Orá, nós como catholicos, seguindo as tradições nacionaes e obediente á lei de Deus, em lugar de pagarmos na mesma moeda, retribuindo com odio o odio jacobino; bem ao contrario, odiaremos sem treguas os erros da *pedreira*, de que todos elles são filhos, mas amaremos com excepcional carinho estes nossos irmãos a quem a cegueira do espirito perturba o funcionamento regular das suas faculdades, perdoadando-lhes as injurias e todos os danos, que nos fazem e possam fazer, seguindo assim os ensinamentos do divino Mestre, que perdoou aos que o crucificaram, porque, disse, não sabiam o que faziam.

Assim esses pobres protestantes, mais por erro de intelligencia do que de vontade, imaginaram que faziam uns figurões, apparentando de longo, uma insignificante resistencia á opinião; porém a peregrinação passou por cima de tudo isso com uma serenidade e regularidade como se nada tivesse acontecido.

Devemos dar muitas graças a Deus, os que conservamos o juizo no seu lugar; por que está escripto: *Si videres aliquem aperte peccare, vel aliquam rem gravem perpetrare, non deberes tamen te meliorem illo aestimare quia nescis quam diu possis in bone stare. Omnes fragiles sumus, sed tu neminem fragiliorem te ipso tene.*

Só a graça de Deus nos poderá conservar superiores a estas miserias; para isso praticaremos, tanto quanto possível, os mandamentos da sua santa lei, e aproveitemos todas as inspirações e todos os estímulos da perseverança uma vez consignada a orientação. Com Deus tudo, fóra de Deus nada. Seja este o lema da nossa bandeira como o era o dos nossos passados: *in hoc signo vinces.*

Havendo temor de Deus, tudo correrá bem.

Placido de Vasconcellos Maya.

(Do n.º 391 da *Palavra*).

UM AVISO

A JACOBINAGEM cá da terra, insignificante e desprezível, esquecida da dura lição, que um jornal catholico, em tempos que não vão longe, lhe infligiu, apparece agora, com ares de quem se restabeleceu d'uma longa doença, a querer mostrar valentia, que não tem, atacando a religião e seus ministros, e malsinando, cobarde e traiçoeiramente, as intenções dos operarios bracarenses, promotores da imponentissima manifestação catholica que, com inexcusable brilhantismo, se effectuou no dia 26 de maio.

Nunca esta seita execranda perde occasião de propagar as suas ideas revolucionarias, anarchicas e anti-catholicas. Aqui, em Braga, terra de convictos, sinceros e fervorosos catholicos, nota-se, com admiração, o atrevimento e cynismo com que quatro ou seis (quando muito) d'esses jacobinos ousam ridicularisar os actos dos catholicos, e insultar respeitabilissimos ecclesiasticos, modelos de virtude e santidade. Não admira. E' que, quando se está atascado em vicios hediondos; quando a razão é dominada por paixões vis e abjectas; quando a alma está enferma e carecida de bons pensamentos, nada ha mais repellente do que a presença d'um padre exemplar: o seu rosto sereno, modesto e insinuante, caracteristico de santidade, é uma lição salutar e uma reprehensão muda, que desperta o remorso e abala a consciencia. Felizmente que os seus pasquins, escriptos em linguagem suina, em que a grammatica geme e a logica é um mixto de contradicções, não conseguem, nem de leve, captivar a attenção de quem os lê. Não gastariamos papel, nem desperdiçariamos o tempo, que tão preciso nos é, se não tivéssemos por fim mostrar, exclusivamente, a esses miseraveis e perdidos, que estamos dispostos a tornar á carga, para fazer recolher aos antros tenebrosos da maçonaria, onde tem vivido desde muito, essa sucia infame, que ousa rojar-se na lama, para cravar os dentes na sandalia d'aquelles que, pelas suas virtudes e talento, são benemeritos dedicados da sociedade. A mordedura de tão sabujos calumniadores não attingirá jámais o pé d'uma sociedade de ecclesiasticos, que vive sómente para conduzir as consciencias á pratica do bem e á cultura das mais mimosas flores da virtude; nem a sua baba pestilencial infectará nunca o coração dos religiosos operarios bracarenses, que conhecem muito bem a negra alma d'esses pouquissimos coripeus da seita maçonica; e nós cá ficamos de atalaia e de chicote em punho, para zurzir sem piedade esses desgraçados que para suffocar o remorso, que os consome, ousarem insultar a nossa crença.

A peregrinação operaria e a academia do lyceu de Braga

UMA parte (felizmente pequena parte) de academicos do lyceu de Braga acabam de dar uma deploravel prova da sua completa falta de educação e absoluta carencia de bom senso.

Tambem a nós nos indignou revoltantemente o facto. A proposito d'uma manifestação religiosa, na qual honrosamente lhes era destinado um lugar, deram á publicidade um monstruoso protesto, que mais parece obra de pelotiqueiro ambulante em barraca de feira.

Lemos o pseudo-protesto, em linguagem rasamente chata, sem ter ao menos o merecimento da forma. Lemos a com o anojamento irreprimivel que produz a proximidade do pantano, d'onde se evolvem exhalacões miasmáticas.

Aquillo é um acervo de dispanterios e d'insultos, de uma nudeza, crua e malcreada, em que não houve sequer o cuidado e o senso preciso para lhes dar um pouco de verniz, de apparente educação.

Mau caminho seguistes, caros academicos, e oxalá que as consequencias proximas sejam o vosso maior castigo.

Não queremos fazer analyse ao infeliz arrasoado dos rapazes. Só lhes queremos perguntar que religião foi essa de Clemente XIV que elles dizem adorar. Pois vocês, caloiros, já se mettem n'essas altas cavallarias?

Então Clemente XIV porque foi obrigado pela imperiosa força das circunstancias a publicar o breve *Dominus ac Redemptor* contra os jesuitas, breve rigorosamente extorquido, que não voluntario, por esse facto o pontifice fundou alguma religião?

Então, porque não quereis tomar parte na peregrinação (direito que ninguém vos contestava) era preciso vir a publico espectorar uma bilis já rancida, mais propria de homens gastos por muitos annos de vicios e de desvarios, que de mancebos, em quem todas as aspirações são nobres e todos os sentimentos devem ser pautados pela mais pura sinceridade? Sim, porque vós não fostes sinceros no vosso protesto.

Quizestes, certamente, accender uma vella á peanha do vosso bom anjo da guarda, a quem desdenhosamente virastes costas.

A opinião publica reprova a vossa obra, como vola a expor a propria consciencia.

Em nome do bom senso offendido, em nome dos bons sentimentos religiosos da grande maioria dos academicos de Braga, tambem nós protestamos energeticamente contra o vosso desgraçado, charro e infeliz protesto.

Este nosso protesto, vivendo retirados do local dos factos, talvez pareça fora de proposito. Como, porem, o imundo aranzel foi aqui impresso e como n'elle tomou parte muito activa um academico d'esta villa, academico que não honra os sentimentos da mãe piedosa e boa, eis o motivo do nosso proceder.

(Do n.º 22 da Gazeta do Minho).

EM NOME DA HYGIENE PUBLICA

UMA corrida em pello não é favor, que deve dispensar-se indistinctamente a todos os orelhudos; alguns ha, tão lazarentos e asquerosos, que provocam nauseas, mesmo quando excitam a compaixão. Quem haverá que não se sinta contrariado, quando encontra na rua um d'esses miseros animalejos, esfomeados e repellentes, em cujas pustulas se repastam as avidas môscas?

Quem haverá, que possa ouvir, com apathia estoica, os incommodos zurros d'essa raça desprezível? E, mais ainda quem haverá de coração tão duro, que não se sinta compellido a empunhar um chicote, quando, á falta de boa policia sanitaria, elles estacionam nas ruas e praças? E' um caso d'estes, aggravado ainda por curiosas circunstancias, que nos obriga hoje a tomar o azurrage para zurrir o suppurante lombo d'um turbulento abelhudo; é, em nome da hygiene publica e animados d'um sentimento humanitario, que vamos hoje arredar da porta do sanctuario um orelhudo insolente, que tenta perturbar os fieis no fervor da sua devoção. Se Jesus expulsou do templo, á força de chicotadas, os vendilhões, que o profanavam, não é muito que nós, na condição de discipulos, imitemos o zelo do nosso Mestre, expulsando da porta do templo não um vendilhão, mas um chato e desprezível orelhudo.

Primeira chicotada a rir.—Escrevendo «para o publico illustrado» o sr. Manuel d'Oliveira diz: «O artigo que publicamos no numero 9 do nosso jornal subordinado a esta epigraphe deu origem hontem a ser cobardemente agredido o nosso prestigioso e honrado correligionario Simões d'Almeida, aggressão a que correspondeu convenientemente.» Uma embruhada de seis linhas, com uma virgula!

Isto, no tempo do calor, é para asphixiar! «... O Manuel d'Oliveira, o Manuel das vacas pinheiras, tem dèdo para fallar ao publico illustrado... Ninguém, como elle, é capaz de representar o ridiculo papel de basbaque pedante; n'um excesso de modestia, deixa transparecer a belleza peregrina de sua bunda linguagem,—falla ao publico illustrado! como se o publico illustrado ligasse a minima consideração ao réis escrevinhador, que se levanta

nas pontinhas dos pés, (vá lá, digamos pés) para vér se consegue attrahir as attentões menos discretas e fazer jus aos dez réis dos papalvos!

Segunda chicotada a valer.—Como grammatico, o Manuel das vacas pinheiras é um barra; como polemista, é um sabujo de primeira força. Vamos vér a contradecção manifesta em que o pobre animalejo se deixou cahir: depois de insultar os operarios e os patrões, volta o seu rosto prazenteiro, e começa a lamber-lhes as botas, com cynica amabilidade.

Insulta os operarios: «trata-se n'este momento de explorar o operario mais uma vez...»; quer dizer, os operarios de Braga são uns idiotas que se deixam explorar, mas eu cá estou no meu posto de jornalista para lhes dar instrucções.

Insulta os patrões: «A situação miseranda do operario... ante a situação faustosa do capitalista industrial, distribuindo restos de maça opipara pelos cães e pontapés de selvagem pelo operario...»

Insulta a cidade de Braga: «A bestial aggressão... levada a cabo por tres membros da já celebre commissão de operarios patrões que vae no domingo levar ao Sameiro a grande peregrinação, demonstração evidente que Braga, a formosa Braga, tem 85 % de analfabetos.» Atreve-se a passar carta de analfabetos aos bracarenses, elle que não sabe escrever duas linhas de portuguez!!

Pouco depois abaixa o diapasão: «Para honra do operario resta-nos fazer bem publico que felizmente são raros, em Braga, os patrões que abusam da sua importancia sobre os seus operarios, e seria bom aos taes patrões (portuguez classico!) se lhes fizesse montaria como... merecem.» O nosso abelhudo quer fazer uma montaria; é a tal historia do burro que foi á caça com o leão.

Querem saber os caros leitores?

Querendo o leão fazer uma caçada, convidou o asno para o ajudar e partiu com elle para o meio d'um bosque: chegados alli, disse o leão ao burro: agora esconde-te entre os ramos e zorra com toda a força, para que as feras, espantadas, saiam dos seus esconderijos.

O resultado correspondeu á expectativa; o orelhudo zurrou com tal entusiasmo, que o leão pôde sem custo fazer uma bella caçada: as feras, apavoradas, saltavam de todos os lados... No fim, diz o burro para o leão, que acabava de saborear a presa: — que te parece da minha voz? Oh! responde o leão, é eminente, digo-te com toda a franqueza, que eu proprio fugiria ao ouvir os teus zurros, se te não conhecera já de longe. E' o nosso caso, apenas com a differença de que o nosso abelhudo quiz fazer tambem de leão: deu aos folles e zurrou, zurrou... contra a peregrinação operaria, a vér se espantava algum.

Depois, voltou-se para um outro Manuel (que permanece entre os ramos, com receio...) e perguntou, emphaticamente:—«Então, Manuel, olha que eu sempre sou um orelhudo de primeira grandeza, não achas?»—Lá isso és, accudiu logo o tal...

Terceira chicotada a valer.—Insinou o Manuel das vacas pinheiras que a circular de convite, sendo dirigida aos patrões, tinha em vista exercer pressão nos operarios para que estes se incorporassem na peregrinação: «os operarios são apenas instrumentos dos seus lowaveis mandões...» E' claro que os mandões são os patrões. Ora, diga-nos aqui muito baixinho o Manuel das vacas pinheiras: se «em Braga, os patrões que abusam da sua importancia sobre os operarios são raros,» e a peregrinação representa a totalidade ou, pelo menos, a maioria dos operarios e dos patrões, segue-se necessariamente, que a maioria dos operarios não foi obrigada pelos patrões a tomar parte na peregrinação; que os operarios obraram com plena liberdade. Para que vem, pois, o ousado republicano metter fouce na seara alheia?

Têm por ventura os operarios de Braga que dar satisfacões a qualquer basbaque, pelos actos que praticam no pleno exercicio de seus direitos?

Acaso recebeu o Manuel d'Oliveira, o escrevedor sujo do papelucho A Patria, alguma procuração dos operarios? E' que o nosso orelhudo anda esfomeado, não pode vér que o operario lhe volte as costas com desprezo. Até lhe coube no bestunto a idéa de se fazer theologo! Pois, se ainda não está habilitado para fazer de leão, se, como asno, se torna tão desprezível, como quer metter no bestunto as theologias? Não pôde comprehender a utilidade da peregrinação! E' porque é grande a sua ignorancia.

Será melhor occupar-se dos compendios das aulas, porque os paes não o pozeram em Braga para outra cousa.

O PROTESTO

(SEU VALOR LITTERARIO)

SE não estivesse em letra redonda, não acreditaríamos que esse monumento de litteratura fosse obra d'estudantes que, ao menos, devem observar as regras mais simples da grammatica, honrando os seus mestres, e bendizendo o tempo e dinheiro, gastos na sua educação litteraria.

Do nosso lado muitos outros se encontram e que foram assaltados pela mesma duvida. Leia-se o que diz a «Voz da Verdade» no seu n.º 61:

«O nosso bom amigo sr. Pereira Villela, digno correspondente do jornal a «A Palavra», dizia ante-hontem na sua carta que «um grupo de alumnos do nosso Lyceu publicou um protesto contra a Peregrinação». E dizia mais o seguinte: «A auctoridade apprehendeu tal protesto».

O nosso estimado collega parece que não está bem

informado. Sabemos—é verdade—que no sabbado á noute se espalhou por ali um papel fallando em protesto contra a Peregrinação; mas temos muitas razões para crer que aquillo não era obra dos academicos do nosso Lyceu, nem mesmo de qualquer outro estabelecimento litterario do nosso paiz.

Não, collega; não creia que os briosos e intelligentes academicos do nosso Lyceu, os quaes—na sua grande maioria—são pertencentes a familias essencialmente religiosas e muito dignas, redigissem ou subcrevessem aquelle arrasoado tão digno de lastima.

Aquillo só podia ser feito por algum ratão de mau gosto, que naturalmente não tinha em que entreter-se, nem mesmo tinha sciencia ou consciencia do que escrevia.

Nós é que protestamos contra a affirmativa do solícito correspondente da «Palavra», dizendo que «um grupo de estudantes do nosso Lyceu publicára um protesto contra a Peregrinação».

Repetimos: Ninguém acredita que aquillo fosse obra d'academicos. E bem fez a auctoridade retirar da circulação o tal protesto, até mesmo por honra da briosia classe academica.»

E, agora, mais um bocadinho, que nos offerece «O Amigo da Religião», n.º 341, sob a epigraphe—O protesto da academia:

«Elaborado pelo espirito altamente patriotico da academia do Lyceu de Braga, appareceu para ali um protesto contra a peregrinação dos operarios á Senhora do Sameiro.

Expurgado dos erros de grammatica, que um menino da escola primaria não commetteria impunemente, sem que lhe fosse vibrada uma duzia de bem carregadas palmatoadas, o protesto é d'uma importancia indefinivel attento o empolado do estylo e a elegancia do ideal.

Na parte em que mais se vê o agitar da paixão, em que mais apparece a nobreza do sentimento e em que se pronuncia a sublimidade do conceito, é n'aquellas palavras em que o protesto diz que o jornalismo quiz fazer da briosia academia uma manada de jericos.

Bravo, academicos!

Jericos?!... Oh! de modo algum!!»

O CONTRA-PROTESTO

NÃO obstante o deploravel protesto estar assignado por toda a academia do Lyceu, sabemos todavia que esse protesto é obra de poucos, que assim abusaram da nobreza de sentimentos dos seus collegas.

E por isso mesmo que nem todos commungavam das mesmas ideas, pedia a justiça que esse miseravel protesto, mancha bem negra na historia da academia bracarense, fosse assignado somente por quem protestava, e não (abuso de confiança) em nome de toda a academia do Lyceu.

Além d'outros, que não viram a luz da publicidade, transcrevemos para aqui os seguintes contra-protestos, honra de quem os assigna, e vergonha de quem os occasionou.

Pena é que os demais estudantes que, d'alma e coração, se associaram a este contra-protesto, não venham a publico fazer a sua profissão de fé, lavando, com a esponja d'um protesto vehemente, a nodosa asquerosa, com que alguns seus collegas mancharam a sua honra.

Acima de tudo, briosos academicos, a vossa honra, a nobreza dos vossos sentimentos, as sãs doutrinas que bebestes no berço da infancia, aos afagos carinhosos de vossa terna mãe.

E, a par da vossa honra, está a honra da vossa classe, do distincto professorado que vos dirige, do estabelecimento que frequentaes, da familia, a que pertenceis. Avante e sem receio, que os protestantes em tudo são pigmeus.

Eis o

1.º PROTESTO

«E' esta a primeira vez que o pobre caloiro, que assigna estas linhas, vem á imprensa defender os seus sentimentos religiosos.

Por mui limitados que sejam os seus recursos intellectuaes, não pode eximir-se a levantar, por este meio, um energico protesto contra parte dos seus collegas do lyceu de Braga, que, exasperados com o vergonhoso retrocesso da peregrinação operaria ao Sameiro, não querem de modo nenhum que os estudantes n'ella tomem parte, vestidos de capa e batina, porque isso, dizem, seria o mesmo que representar a academia na manifestação.

Com este bonito pretexto (pretexto, entenda-se bem) reúnem-se, esbracejam, declamam e protestam; e, para que os estudantes se não encorporem na peregrinação, ameaçam-nos com rasgar-lhes as capas, dar-lhes bofetadas, etc., etc. Diga-se em parenthesis que, tendo-me sido feitas estas ameaças directamente, impossivel será desmentirem-me.

Se estivessemos na Africa, não seria de admirar dizerem-se estas coisas: mas em Braga... em plena cidade... é o cumulo da audacia!

Quem vos deu auctorisação, ó illustres academicos, para assim tentardes impôr a vossa opinião a quem quer mostrar os seus sentimentos religiosos, sem medo aos vossos insultos e ameaças? Não sabeis que o miseravel—crê ou morres—já lá vae, ha muito?

Parece impossivel que estes apregoadores de liberdade (!) recorram a tão indignos meios para tão indignos fins, e confiem na efficacia d'estes esforços inuteis, e, além d'isso, ridiculos!

Dada a hypothese, senhores, de que impedissem a nossa comparencia material na peregrinação (que não im-

pedis: bem sabemos nós, os *ajesuítas*, que tendes mais alguma delicadeza) nunca podereis evitar que os vossos corações voassem até juncto da Virgem, para lhe render sinceras homenagens e implorar para vós a graça do perdão: nunca! Qual a razão, pois, porque tanto vos affligis e mortificaeis?

A que tempo chegamos! Diga um individuo qualquer meio cento de disparates contra a religião e seus ministros, applaude-se; queira um ou outro cumprir os seus deveres religiosos, sem fazer caso das imposições de ninguém, então... ameaças e insultos sobre elle: abaixo o jesuíta!

Portugal morrerá, se a fé, que lhe conquistou o mundo, se extinguir.

Portugal morrerá, se a impiedade o arrastar triumpante ao abyssino da revolução.

Não! Portugal não morrerá! A velha patria d'immortaes heroes ainda abriga em seu seio valorosos descendentes d'aquelles, que a fizeram rainha das nações!

Portugal não morrerá! porque a fé, que o fez grande, e que parecia não mais existir, possui a immensa maioria dos corações de seus filhos e se espande em imponentes manifestações, que enraivecem os inimigos da Religião de Jesus!

Avante, catholicos, avante!

Não ha victoria, sem combate, nem recompensa, sem trabalho: mostremos a nossa força e serão respeitadas os nossos direitos.

Avante, operarios! Seja a fé o escudo que vos proteja contra as investidas dos revolucionarios; seja a esperança o vosso arrimo nas tribulações d'esta vida e seja a caridade o doce baço, que vos una, para a conquista do unico bem sobre a terra—a virtude.

E Vós, ó Mãe Immaculada, permiti que para a defeza das vossas glorias eu vos offereça tudo o que possuo, ainda mesmo a própria vida: e que em contraposição ás exclamações de: «Abaixo os jesuítas!» que me retumbaram nos ouvidos, eu brade com todas as veras da minha alma: Viva a peregrinação operaria ao Sameiro!

Vivam os operarios catholicos!

O estudante do lyceu, Antonio Domingues Correia.»

2.º PROTESTO

Snr. redactor.

Se v. poder dispôr de um cantinho do seu acreditado jornal, occupat-o hei com umas ligeiras considerações, que o meu sentir de catholico convicto me suggere, relativamente ao protesto feito contra a grande Peregrinação ao monte do Sameiro, realisada em 26 do mez findo.

Antes de tudo deixe-me declarar-lhe que é hoje a primeira vez que escrevo para jornaes, e nem isso admira, porque primeiro deve estudar-se e depois—quando se sabe—é que se deve escrever. Era esta a opinião do meu saudoso professor dr. Malheiro da Silva, quando, indignado, censurava na sua aula a ignorancia e ousadia de alguns de seus discipulos, que se arrojavam a escrever e a publicar artigos sobre assumptos de que não sabiam *patavina*. «D'antes, dizia aquelle illustrado e prudente mestre, aprendia-se primeiramente e depois é que se escrevia; mas agora faz-se o contrario—escreve-se e depois é que se aprende».

Não admira, pois, que eu erre n'este meu pobre escripto, porque—como acima disse—é hoje a primeira vez que escrevo para a imprensa, porque sou um simples estudante, porque ainda pouco sei, porque preciso d'estudar e, em summa, porque confesso ignorar ainda muito para poder apresentar-me na imprensa como escriptor ou publicista.

Dadas estas explicações, permita-me v. que eu pergunte ao auctor do protesto contra a Peregrinação Operaria, com que direito subscreven elle as sandices que fez publicar, inculcando-as como sendo da Academia do Lyceu? Quem é que lhe deu auctorisação para isso?

Bem disse v. no n.º 61 da «Voz da Verdade» que «aquillo não era obra dos academicos do nosso Lyceu, nem mesmo de qualquer outro estabelecimento litterario do nosso paiz». Em meu nome e no dos academicos dignos, agradeço-lhe a distincta fineza de nos livrar da responsabilidade de um tal escripto, que se não fosse apocrypho, seria a maior vergonha para os academicos que em 1895 frequentaram o Lyceu de Braga.

Aquelle protesto nem se recommenda pelo sentimento religioso, nem pelo senso commum, nem pela pureza de linguagem, nem ainda pela correção grammatical, que deve presidir a qualquer escripto d'essa natureza. Aquillo não é d'academicos, que se prezam d'esse nome. E, sim, d'algum principiante de primeiras lettras, d'algum espirito enfermo que frequenta escolas jacobinas, onde se aprende a manejar armas contra Deus e contra a Virgem Santissima.

Diga-me o auctor d'esse miseravel escripto: Que deshonra viria para os academicos do Lyceu se se incorporassem na Peregrinação Operaria do dia 26 de maio? Que tiveram com ella os jesuítas? Qual a differença entre a religião do Papa Clemente XIV e a de Leão XIII?

Eu desejava que o protestante me respondesse a estas perguntas, porque queria mostrar-lhe claramente que foi injustissimo em tudo quanto atirou para publico relativamente a essa imponente manifestação catholica.

Quem com toda a verdade nos fez justiça inteira foi v., snr. redactor, não acreditando que a Academia do Lyceu de Braga subscrevesse um arrazoado tão digno de fastima, porque um tal escripto nunca foi nem é dos academicos, que se prezam e que tem o seu bom nome em alguma conta.

Nós somos catholicos e temos muita honra em assim o declarar publica e solememente. Não fazemos a mais leve distincção entre a religião de Clemente XIV e a de

Leão XIII, porque sempre a consideramos e consideraremos uma e a mesma.

Somos filhos da Santissima Virgem, confiamos tudo na sua protecção e no seu poder perante Deus, e, assim, protestamos-Lhe nossa submissão e amor filial e não cessaremos de Lhe pedir humildemente que proteja esta infeliz nação, que vele pela classe academica a que nos honramos de pertencer e, em fim, que alcance de Deus o perillão para o infeliz auctor do celebre protesto, que pretendeu enodoar a nossa reputação de fieis obedientes e dedicadissimos á Igreja Catholica.

Um academico do Lyceu.

A PEREGRINAÇÃO

Juizo da imprensa

A *Patria*, que nos diz, em seu n.º 40: «Ao resto da imprensa, que lêmos, tanto local, como dos outros pontos do paiz, (o sublinhado é nosso) agradecemos as provas da solidariedade e confraternidade jornalística com que nos honraram, e dizemos-lhe que pôde contar conosco para tudo o que for justo, para tudo o for digno», offerecemos o juizo da imprensa, que se occupou da Peregrinação. Digamos depois qual foi a imprensa local, ao menos, que a honrou com a sua solidariedade e confraternidade jornalística.

Para encurtar espaço, transcrevamos, apenas, o que disseram:

Voz da Verdade (n.º 61)

«Domingo passado realison-se, com effeito, a Peregrinação Operaria a Nossa Senhora do Sameiro, organizada por iniciativa do rev. João Reberto Pereira Maciel, illustrado professor do Seminario de Santo Antonio e S. Luiz Gonzaga e distincto orador sagrado, bem conhecido n'esta cidade.

A Peregrinação ia em muito boa ordem e muito vistosa, ostentando-se n'ella umas 20 bandeiras, que representavam outras tantas aggremações ou institutos de educação e piedade, e n'ella tomavam parte nmas quatro philarmonicas e dous côros entoando versinhos á SS. Virgem.

Reinou sempre a melhor ordem, sem que se desse o mais leve incidente desagradavel.

O operariado d'esta terra deu mais uma prova clarissima dos seus sentimentos religiosos, não se envergonhando de manifestar bem publicamente a sua fé, as suas crenças, o seu amor filial para com a Mãe de Deus.

N'essa manifestação catholica tomaram parte cerca de 7:000 pessoas, entrando n'esse numero algumas damas e cavalheiros de distincção.

Cremos piamente que muito maior seria o numero de fieis, que se incorporassem na Peregrinação Operaria de domingo, se ella tivesse sido annunciada com mais anticipação e se não corresse o tempo agreste, como succedeu nos ultimos dias que a precederam.

No sabbado de manhã quasi se desconfiava de que o tempo não permitiria que ella se realisasse. Por esse motivo e tambem pela falta de publicidade com a devida anticipação, bem poucas foram as pessoas que de longe vieram tomar parte n'essa manifestação religiosa. Foi, pois, realisada quasi sómente com pessoas d'esta cidade e de algumas aldeias circumvisinhas.

Além disso, o operariado de algumas fabricas de chapéus tambem não pôde tomar parte na Peregrinação por causa do fallecimento do grande e arrojado industrial, snr. José Martins d'Almeida, co-proprietario da Fabrica Social Bracarense, amigo e protector dedicadissimo de tão importante classe.

Se se não dessem essas circumstancias, com certeza seria muito mais imponente, muito mais concorrida, essa manifestação catholica, que—segundo parece—tanto incommodou os *espiritos fortes* que existem espalhados por esse mundo de Christo.

Felizmente são poucos e de insignificante valor. Confiamos muitissimo no poder da Virgem, que de certo ha de illuminal-os, para um dia os guiar pelo bom caminho, que conduz á felicidade eterna.

Oxalá que Deus se compadeça d'elles, porque é uma necessidade muitissimo grande.»

Primeiro de Janeiro (Seu correspondente)

«—Foi, na verdade, imponente, a peregrinação operaria á Virgem do Sameiro, promovida pela Associação Catholica d'esta cidade, a qual pôde orgulhar-se de haver conseguido o seu fim a contento de todos.

Esta peregrinação é a base para a organização d'um centro operario catholico, que affaste o operariado menos experiente do caminho do vicio e da corrupção.

Eram 3 horas da madrugada, quando se encaminharam para o Sameiro os primeiros grupos de peregrinos, seguindo outros successivamente, em trens e a pé, até ás 6 horas da manhã, de fórma que, quando desfilou a peregrinação, já na montanha do Sameiro se notava muita animação.

Na peregrinação incorporaram-se varios industriaes e proprietarios d'esta cidade, Marquez de Vallada e muitas outras pessoas.

A passagem do prestito, viam-se as janellas guardadas de colgaduras de damasco.

Chegada a peregrinação ao Sameiro, celebrou missa campal o rev. prior de S. Victor, prégando por essa occasião o rev. João Roberto Pereira Maciel sobre as vantagens do operariado catholico.

A peregrinação decorreu na melhor ordem, como era de esperar dos nossos honestos operarios.»

Gazeta do Minho (n.º 22)

«Correu muito animada e entusiastica a peregrinação operaria effectuada no ultimo domingo, na velha cidade de Braga, saindo o religioso cortejo por volta das seis horas da manhã para o Bom Jesus e d'ahi para o Sameiro, onde orou brilhantemente o sympathico iniciador da peregrinação rev. Padre Maciel. Acompanharam a peregrinação aproximadamente 5:000 pessoas.

N'outro logar do nosso jornal referimo-nos ao procedimento d'uma meia duzia de academicos do lyceu d'aquella cidade, que aqui vieram imprimir um chello protesto, que nenhuma typographia de Braga lhes quiz publicar.»

Palavra (seu correspondente)

«Realison-se hontem a annunciada peregrinação operaria. Foi mais uma manifestação de fé dada pelo povo bracarense.

A peregrinação tomou um caracter grandioso, merced dos esforços do seu iniciador, o rev. João Roberto Pereira Maciel, um tão modesto quanto illustrado ecclesiastico, e da digna commissão dos industriaes e operarios.

O nosso parabem a todos.

Quando a peregrinação chegou ao Monte do Sameiro, orou o rev. Maciel, que fez um discurso primoroso, cheio d'eloquencia e de grande unção religiosa, sendo escutado attentivamente por aquella enorme massa de povo.

—A jacobinagem bracarense não viu com bons olhos que se puzesse em pratica essa importante manifestação religiosa, e, á falta de outros meios, resolveu annunciar nos jornaes de Lisboa e Porto reuniões que se não effectuaram, mil cousas que não puzeram em pratica contra os promotores da mesma manifestação. Como a lagrima é livre, nada mais natural que os pequenos inimigos da religião chorarem as suas decepções. O facto é que a jacobinagem com a sua ira, provocou mais a reacção, e, por isso, a peregrinação excedeu o que nós imaginavamos.

Ha males que trazem bens.

—O Primeiro de Janeiro publicou ha dias uns telegrammas de Braga referentes á peregrinação. Como n'esses telegrammas se disse o que estava muito longe da verdade, cumpre-nos declarar que taes telegrammas não são do seu digno correspondente de Braga, o nosso querido amigo, snr. Ribeiro Braga. Este nosso amigo é um moço intelligente e de tão excellent character que só por isso desnecessario seria dizer que nada teve com taes telegrammas. Estes telegrammas são puramente particulares.

O snr. Braga publicou no «Janeiro» uma declaração em que fazia saber que nada tinha com os referidos telegrammas.»

E, assim, podiamos citar o *Combate*, o *Amigo da Religião*, a *Correspondencia do Norte*, o *Progressista*, o *Comercio do Minho*, o *Regenerador*, etc. **nenhum** dos quaes partilharam das ideias da singular, *vermelha* e *patriotica Patria*. Mas, não queremos preoccupar, por mais tempo, a paciencia dos leitores, nem o espaço tal nos permite.

Um conselho d'amigo—mais consideração para com os collegas, a quem attribue sentimentos, que elles não teem, e mais imparcialidade nas affirmações, um dos principaes requisitos do jornalista serio e consciencioso.

CONCLUSÃO

Ahi ficam essas linhas, traçadas á luz da verdade, com a penna da justiça, sobre a mesa dos factos.

Aos benevolos leitores, toda a nossa estima e consideração: fomos echo da nossa consciencia, julgamos ter cumprido um dever. Desculpem-nos a linguagem, se por vezes foi aspera e acriminosa: assim o exigia a audacia do erro, assim o implorava a molestia do enfermo.

Esperemos pelo effeito; se esta dose não basta, se este remedio for ainda pouco energico, estaremos promptos a fazer nova receita ou a procurar novo antidoto na pharmacia da verdade.

E vós, queridos operarios, continuadores e depositarios das crenças e sentimentos de vossos maiores, em mim encontrareis sempre um amigo leal e sincero que, sem rebuço e com toda a ousadia, saberá defender e pugnar pelos vossos direitos e interesses.

Continue, sempre, na manifestação dos vossos sentimentos religiosos, a acatar o principio da authority, a cumprir fielmente os vossos deveres mutuos.

E, enfim, vós catholicos de Braga que, ha dias, fostes feridos na vossa honra, melindrados nas vossas crenças, acciteis este protesto caloroso, esta repulsa audaz e vehemente, atrada ás faces do erro e do vicio, por quem preza as suas crenças, defende a verdade, ama a justiça, e procura o bem.

O Amigo do Operario Catholico.

Á ULTIMA HORA

Quando este numero já estava a entrar no prelo, e quando julgavamos que os protestantes haviam já expectorado toda a sua bilis rancorosa, promovida pela Peregrinação ao Sameiro, eis que nos apparece, mui garrulo e altivo, um *Desforço da Academia do Lyceu*, que, mais uma vez, se apresenta com *procuração de todos* os academicos!

Embora esse *figurão* não se dirija aos Operarios, não podemos fugir á tentação de offerecer aos caros leitores a seguinte belleza, entre as muitas que ahi fomos colher e que não publicamos, por que o espaço não mais nos permite (veja os leitores qual o character e sentimentos do presidente da academia, que está abaixo de toda a critica!):

O snr. Manuel d'Oliveira, como presidente da academia (notem bem) diz no *Desforço*:—«... não protestamos contra a peregrinação dos Operarios, porque esta era muitissimo loucavel e altamente sympathica...» (O sublinhado é nosso).

E o mesmo snr. Oliveira, n'um Supplemento ao n.º 9 da *Patria*, diz o seguinte:—«E' o dizermos que a peregrinação é inutil; e é repetimol-o... Se o seu fim é o culto religioso, tambem é inutil...» (Entendam-no, a elle e acs seus comparsas, pois todos bufam pelo mesmo canudo.)

Um ultimo conselho, queridos jovens:—deixae-vos de protestos e desforças, porque os exames estão proximos, e contra as *raposas* não ha protestos, nem desforços. Estudae primeiro, e depois sereis sabios.

Um Amigo do Operario Catholico.